

PADRES DA IGREJA E O DIÁLOGO COM O PENSAMENTO CLÁSSICO

José Joaquim Pereira Melo *

Resumo: O presente trabalho se propõe proceder a uma reflexão sobre os pressupostos doutrinários da pedagogia cristã a partir do diálogo realizado entre o cristianismo primitivo e a cultura clássica. Nesse sentido, importa considerar que a valorização e a conseqüente incorporação de elementos da cultura greco-romana foram promovidas à luz da nova concepção de deidade que o cristianismo trazia em seu bojo, sendo Cristo o mediador dessa relação, pelo fato de seus pensamentos e a sua pessoa constituírem o caminho e o modelo a serem seguidos. Nesse processo, papel fundamental tiveram, entre os séculos I e IV, os Padres da Igreja, que fundamentaram filosófica e teologicamente a doutrina cristã, criando as condições necessárias para a elaboração de uma *paidéia* cristã.

Palavras-chave: Cristianismo; cultura clássica; Educação.

O processo de assimilação – resultado do diálogo entre o cristianismo primitivo e a cultura clássica – teve um caráter complexo, difícil e trabalhoso, porém pródigo, pois os resultados advindos desse encontro subsidiaram a fundamentação da fé cristã, a fim de melhor preparar seus adeptos para se posicionarem num mundo que chamavam de pagão.

Nesse processo de assimilação à Gramática, à Retórica e à Dialética, não encontraram grandes dificuldades para se incorporar ao programa cristão, em vista do caráter instrumental destas disciplinas.

A exemplo das Filológicas, a Aritmética, a Geometria, a Astronomia e a Música também não foram obstaculizadas, por serem consideradas apropriadas a fazer parte da educação dos cristãos, o que pode ser explicado pelo fato de poucos terem acesso a esses conhecimentos e pela pouca relação dos seus conteúdos com o cristianismo, conteúdos que, por extensão, não poderiam influir na formação e no modelo de vida dos cristãos (REDONDO e LASPALAS, 1997). Em contrapartida, a relação com a Filosofia foi complexa e a sua assimilação dificultada, em virtude da natureza de seus conteúdos, que com frequência se opunham à doutrina cristã, conforme Paulo de Tarso alertou aos tessalonicenses: “Vede que ninguém vos engane por meio da Filosofia inútil e enganadora,

* DFE/PPE/UEM

segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo (...)" (1 Tes 2,8).

É certo que os intelectuais cristãos também viam com certa desconfiança a Retórica, mas a desqualificação que faziam dela não teve a mesma dimensão da que faziam da Filosofia.

Enfim, a Filosofia, como uso metódico da razão e da investigação racional, representava uma poderosa ameaça, que merecia estudo cuidadoso e deveria ser trabalhada com precaução, ante as supostas heresias dela decorrentes, que constantemente questionavam as verdades da nova fé, tidas como absolutas.

Em decorrência disso, o processo de assimilação da cultura clássica pelo cristianismo não apresentou uniformidade, conforme ficou expresso no fluente debate desenvolvido pelos principais Padres da Igreja, entre os séculos I e IV da Era cristã.

SÉCULO I: OS PADRES APOSTÓLICOS

Nos primeiros momentos dessa relação entre o cristianismo e a cultura clássica, os cristãos adotaram uma postura de quase-indiferença ao seu conteúdo. Tal comportamento é compreensível, tendo-se em conta a frase lapidar de Paulo de Tarso quando, ao propor todo um programa de ação, acentuou a necessidade de se crivarem as dádivas do mundo: "Examinai tudo e abraçai o que for bom; guardai-vos de toda a aparência do mal." (I Tes 5,21). Os primeiros autores da Igreja primitiva, ao que parece, receberam a doutrina dos próprios apóstolos, e o que importava era refletir fielmente sobre as mensagens de Cristo, na sua simplicidade e originalidade.

A quase-exceção foi a *Epístola a Diogneto*, escrito anônimo que apareceu em fins do século I e início do século II, pois o seu autor retomou o combate ao pensamento clássico e proclamou um novo tempo para as obras dos Padres Apostólicos (séculos I e II), apesar das poucas referências que fazia à cultura clássica.

O autor desconhecido louvava o cristianismo, destacando a sua condição não-humana, por ter-se originado do próprio Deus, revelado pelo seu Logos. A coragem dos mártires era invocada para provar essa origem divina. Enquanto outros cristãos tentavam

argumentar com a precedência dos profetas em relação à Filosofia, ele assumia de modo radical a novidade do cristianismo.

Em sua argumentação sobre a possibilidade de existirem anteriormente saberes humanos quanto à existência de Deus, ele destacava o caráter enganoso desse raciocínio, acusando-o de ser produzido por homens não comprometidos com a verdade.

A verdade é que tais coisas são mitos e enganos de charlatões impostores. Nenhum homem o viu nem conheceu, foi ele mesmo que se mostrou. E manifestou pela fé, por cujo meio exclusivamente foi concedido ver a Deus (Carta a Diogineto, 1979, p.178).

Com essa exceção, é possível pensar ter-se iniciado um novo tempo para o pensamento cristão, que passou a adotar uma atitude combativa em relação ao pensamento clássico, conforme se pode apreender a partir da metade do século seguinte.

SÉCULO II: OS PADRES APOLOGISTAS

Na segunda metade do século II, a expansão cristã, com sua presença cada vez maior na sociedade, provocou a perseguição dos seus adeptos pelo Estado Romano. Essa foi também a época em que escritores clássicos, a exemplo de Celso (século II), utilizavam a sátira e o escárnio contra os cristãos. Essa circunstância promoveu o surgimento de um novo movimento no seio da Igreja primitiva, o dos chamados Padres Apologistas, considerados os primeiros intelectuais do cristianismo. A partir desse momento, em grande medida, esses porta-vozes da Igreja lançaram mão das mesmas armas que usavam seus opositores para defender publicamente seus princípios de fé, tendo em vista evidenciar a superioridade desta sobre o pensamento clássico. O principal argumento fundava-se na crítica do que consideravam negativo na vida dos não-cristãos. O confronto cristianismo/pensamento clássico não deixou de produzir um processo de assimilação por parte dos cristãos: as doutrinas filosóficas, mesmo consideradas perigosas, foram

reconhecidas como o de mais valioso da cultura greco-romana, e poderiam ser utilizadas em alguns aspectos pelos cristãos.

O principal argumento que sustentava a mensagem dos apologistas se referia ao cristianismo como o único movimento que merecia o nome de Filosofia. Desta forma, a filosofia cristã, por acreditarem ser composta por doutrinas reveladas por Deus, constituía-se na autêntica sabedoria, unitária e salvadora. Na defesa desta tese, argumentavam que, cronologicamente, a primeira doutrina foi a cristã, que antecedia até mesmo a dos egípcios.

Existiram, muitos antes de todos estes que se dizem filósofos, uns homens felizes e justos, aos quais Deus amava. Falavam movidos pelo espírito divino, e predisseram acontecimentos futuros que agora se realizaram. Nós os chamamos profetas. Eles foram os unidos a contemplar a verdade e anuncia-la aos homens (São Justino, 1979, 71,1).

Segundo esses pensadores, as demais doutrinas, ao buscar inspiração na cristã, nada mais fizeram que plagiá-la, em maior ou menor grau.

Outra argumentação usada pelos apologistas e aceita pelos demais intelectuais da Igreja, era que as doutrinas humanas podiam ser levadas em conta pelos cristãos porque faziam parte da sabedoria divina. Afirmavam que Platão e os demais filósofos copiaram Moisés e os profetas.

A partir deste raciocínio, somente Deus era o autor e mestre da verdade; portanto, o que havia de verdadeiro e valioso no saber clássico originava-se da revelação divina direta, ou indireta, por meio dos hebreus, o que revestia o cristão do direito de apropriar-se dessa verdade onde ela estivesse, inclusive do de reivindicá-la aos depositários do pensamento clássico.

Acrescente-se que, para os apologistas, as verdades de que os não-cristãos estavam em posse eram parciais, um misto de acertos e erros. Pálidas, semelhantes a uma sombra e adjetivas como uma imagem, eram o oposto da verdade cristã, plena e substantiva (REDONDO e LASPALAS, 1997) – o que não desmerecia o seu valor propedêutico, embora, em si mesmas, de forma isolada, fossem vãs em seu conteúdo.

Para os Padres apologistas o valor dessas doutrinas era relativo, pois quem detinha a verdadeira filosofia, a cristã, não tinha necessidade de buscar outros conhecimentos. Segundo Taciano, considerado o mais radical dos apologistas, o conhecimento clássico era desprovido de valor e interesse, e nenhum benefício o cristianismo podia obter da Filosofia, da Retórica e dos demais conhecimentos greco-romanos. Para Taciano e vários outros padres africanos, um compromisso com a cultura clássica era algo mais ou menos como uma obra demoníaca. O pouco de bom que essas manifestações traziam havia sido roubado dos judeus (ULICH, 1965). Isto era motivo para serem tratadas com precaução, tendo-se em vista a convicção de que a revelação divina era a única sabedoria aplicada com retidão.

SÉCULO III: OS PADRES LATINOS E GREGOS

Em fins do século II a Igreja enfrentou dois movimentos que qualificou de heréticos: o Montanismo e o Gnosticismo. Os montanistas, por acreditarem que o final do mundo estava próximo, defendiam que os cristãos deveriam se afastar do mundo para levar uma vida ascética, consagrada às orações. Por sua vez, os gnósticos postulavam a elaboração de uma doutrina sincrética, fundada nos mitos religiosos orientais, na Filosofia grega e na religião cristã. Para combater esse movimento no seu próprio espaço, ganhou força a conveniência de se assimilarem aspectos tidos como positivos da Filosofia clássica à cultura cristã.

Esta nova orientação coincidiu com a decisiva mudança de atitude de muitos dos intelectuais cristãos.

El pensamiento cristiano y la cultura griega, sin duda nunca fueron completamente ajenos el uno a la otra, pero el proceso había dado un gran paso adelante con el tipo de literatura apologética que se desarrolló en el siglo II. (...). Los apologistas merecían pertenecer a la clase letrada; se esforzaban en cualquier caso en escribir para ella (MARROU, 1960, p.68).

A fase decisiva deste processo situa-se no momento em que setores intelectualizados do cristianismo perceberam as possibilidades que se abriam com a fusão da cultura clássica à religião.

Se ha visto con frecuencia la introducción masiva de elementos clásicos en la literatura cristiana, como la consecuencia de una táctica, planeada por los Padres, para atraer las letras hacia el cristianismo, que había rechazado por necesidad la forma humilde, popular, vulgar y más que semibárbara que revistió en sus orígenes (MARROU, 1960, p.67).

Entretanto, pode-se inferir que os articuladores da fusão da *paidéia* grega com a *paidéia* cristã não enfrentaram grandes dificuldades para realizar esse processo, dada a sua condição de letrados: “no tuvieron que esforzarse para realizar sus escritos con un barniz literario, siendo como eran hombres cultivados, miembros cualificados de la élite letrada” (IDEM).

Por outro lado, não se pode negar que essa aproximação trouxe consigo lutas, pois nem todos os intelectuais da Igreja adotaram a mesma postura, já que se dividiram em duas tendências: a dos padres orientais - em particular, Clemente de Alexandria (150-215) e seu discípulo Orígenes (185-254) - de corte intelectual e filosófico, que adotaram uma atitude aberta, favorável à incorporação de aspectos que julgavam valiosos do saber clássico, e do outro lado, a dos padres latinos, de orientação prática, que mostraram com diversos matizes uma atitude mais fechada, muito próxima à apresentada pelos Padres apologistas.

Tertuliano (160-220), o mais representativo dos Padres da Igreja Latina do século III, utilizou a maior parte dos argumentos apologistas para desqualificar a cultura clássica, e o seu veredicto no julgamento da Filosofia foi extremamente rigoroso (FREDOWILLE, 1972). Para aquele pensador cristão, esta manifestação do conhecimento pagão era um roubo à sabedoria divina.

Ante esta posição defensiva, os padres gregos assumiram uma atitude combativa. Para Orígenes, principal representante do pensamento oriental, a *paidéia* grega era uma cidade fortificada, difícil de ser conquistada, graças à Filosofia; uma nova Jericó, a ser submetida pelo povo de Deus. Conquistada, deveria ser tratada com precaução, para que os

conquistadores não se convertessem em conquistados. Com este critério, estariam respaldados para a conquista de bons frutos (CROUZEL, 1962) desse conhecimento, conforme afirma o pensador:

(...) nosotros, si acaso alguna vez por casualidad encontramos algo sabiamente dicho por los paganos, no debemos despreciar las palabras junto con el nombre de su autor, ni conviene, por el hecho de poseer la Ley dada por Dios, hincharnos de soberbia y despreciar las palabras de los prudentes, sino, como dice el Apóstol: “Probándolo todo, retened lo bueno” (ORÍGENES, 1982, 11,6).

À medida que se evidenciava a importância do legado clássico à cultura cristã, até mesmo radicais como Tertuliano admitiam que os cristãos precisavam do conhecimento da literatura pagã para a sua vida profissional e para a eficiência na ação, bem como para a fundamentação da fé.

SÍNTESE CULTURAL DOS PADRES DO SÉCULO IV

Entre as tendências oriental (radical) e latina (moderada) da Igreja primitiva, a moderada acabou impondo-se, não sem enfrentar séria resistência dos opositores. Entretanto, no alvorecer da idade de ouro da teologia patrística, por volta de 350, os pensadores mais representativos da Igreja oriental - São Basílio (330-379) e São Gregório de Nisa (335-395), São Gregório de Nazianzo (330-390), São João Crisóstomo (354-430) - empregaram sistematicamente nas suas obras, com cuidado, mas desprovidos de medo, contribuições da cultura greco-romana. Isto somente aconteceria no Ocidente décadas mais tarde, com representantes como São Jerônimo (347-420) e seu contemporâneo Santo Agostinho (354-430), que, surpreendentemente, contrapuseram-se a uma das teses básicas da literatura apologética: a de que não foram os gentios que copiaram Moisés e os profetas, mas foram estes que aprenderam com a cultura clássica.

Para São Jerônimo:

(...) ¿ quién hay que ignore que en los rollos de Moisés y de los profetas hay algunas cosas tomadas de los libros de los gentiles y que Salomón propuso algunos problemas a los filósofos de Tiro y les respondió a otros? (SAN JERÓNIMO, 1962, 70,2).

Em Santo Agostinho, o saber cristão prescindia da ciência humana, a qual, sem o suporte do saber proposto pelo cristianismo, era maléfica, situação que os cristãos não poderiam desconsiderar.

Mesmo que a essência do saber clássico esbarrasse no conhecimento religioso, Santo Agostinho defendia que o cristianismo não deveria romper com ou desprezar os saberes humanos viabilizadores de uma melhor apropriação dos saberes cristãos; mas não cabia esquecer que, como seus elementos negativos poderiam contaminar a fé e a vida cristã, a assimilação dos saberes clássicos deveria ser acompanhada de precaução e cautela.

Em todas essas ciências se há de observar a máxima: “Nada com excesso” (ne quid nimis), de Terêncio (em *Andrina* I,1) sobretudo quanto às ciências relacionadas com os sentidos corporais e que se desenvolvem no tempo e ocupam lugar no espaço (AGOSTINHO, II, 1991, 40,58).

A partir do entendimento de que os saberes clássicos possibilitavam o desenvolvimento humano e que Deus havia colocado o homem no mundo para a santificação, o pensador postulava que parte desses saberes poderia colaborar na busca do caminho para a realização desse plano divino.

Em rigor, para Santo Agostinho, era legítimo que o cristão assimilasse essas verdades; afinal, tudo o que a cultura clássica tinha de bom provinha de Deus.

[...] encontramos nos pagãos algumas coisas verdadeiras, que são como o ouro e a prata deles. Não foram os pagãos que fabricaram, mas os extraíram, por assim dizer, de certas minas fornecidas pela Providência divina, as quais usam, por vezes, a serviço do demônio. Quando, porém, alguém se separa, pela inteligência, dessa miserável sociedade pagã, tendo se tornado cristão, deve aproveitar-se dessas verdades, em justo uso, para a pregação do evangelho (AGOSTINHO, II, 1991, 41,60).

Para Santo Agostinho, uma fé vigorosa que se apoiasse na ciência humana seria um grande fruto que o cristão poderia oferecer à Igreja. Dessa forma, a personagem central da Patrística curvou-se ao conhecimento clássico.

Essas realidades desenham o longo caminho percorrido pela Igreja primitiva no processo de assimilação do legado cultural greco-romano, o qual teve sua origem na negação, passou pelo período da desconfiança para culminar no reconhecimento do valor formativo do conhecimento filosófico.

Assim, nem todos os elementos da cultura clássica foram dispensados pelos cristãos, uma vez que podiam contribuir com a nova fé, particularmente o seu pensamento filosófico, racionalmente elaborado e estruturado, pelo potencial formativo; o esquema terminológico e conceitual que se fundamentava; e o sistema educativo que lhe servia de base.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“carta a Diágneto”. In: FOLCH GOMES, Cirilo. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
Bíblia Sagrada. São Paulo: Paulinas, 1987.

CROUZEL, H. *Origène et la philosophie*. Paris: Auier, 1962.

FOLCH GOMES, Cirilo. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

FREDOVILLE, Jean-Claude. *Tertulien et la Conversion de la culture antique*. Paris: Études Augustinines, 1972.

JERÓNIMO, San. *Cartas de San Jerónimo*. Madrid: Editorial Católica, 1962.

JUSTINO, São. *Diálogo de Trifão*. In: FOLCH GOMES, Cirilo. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

MARROU, H. I. “Introduction”. *Clemente de Alejandría*. Madrid, 1960.

ORIGENES. *Homilías sobre el Éxodo*. Madrid: Ciudad Nueva, 1982.

REDONDO, Emilio e LASPALAS, Javier. *História de la Educación*. Madrid: Dykinson, 1997.

ULICH, Robert. *La Educación en la Cultura Occidental*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1965.